



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

A NARRATIVA FANTÁSTICA E A MARAVILHOSA NO LIVRO REINAÇÕES DE NARIZINHO – TEORIA, LEITURA E IMPOTÊNCIA DE ENSINO.

Isabel Regina França da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Unidade Acadêmica de Letras – isabel.ufpb@yahoo.com.br

Erika Janaina Avelino Diniz

Universidade Federal da Paraíba, Unidade Acadêmica de Letras - erikajadiniz@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Daniela Maria Segabinazi

Universidade Federal da Paraíba, Unidade Acadêmica de Letras – dani.segabinazi@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar e discutir o conceito de narrativa fantástica e maravilhosa, como também mostra estudos teóricos sobre o poder do imaginário dentro das narrativas fantásticas, ressaltando a importância desta forma de narrativa na literatura infantil. Apresenta ainda um breve resumo do livro *Reinações de Narizinho*, adentrando em outras obras como *A Menina do Nariz Arrebitado*, *Narizinho Arrebitado*, *O Gato Felix*, e demonstra as intenções do escritor Monteiro Lobato ao escrever uma literatura voltada para crianças, bem como porque é relevante trabalhar com esse tipo de literatura em sala de aula, principalmente na educação básica, na intenção de construir alunos leitores de obras literárias, cidadãos pensantes críticos, contribuintes para uma melhor sociedade a partir da leitura dessas obras.

Palavras-chave: Literatura, fantástico, maravilhoso, imaginário, ensino.



INTRODUÇÃO

Muitas crianças, e até adultos, desejam viver em um mundo maravilhoso, repleto de fantasias. Um lugar onde possam ver seus sonhos como se fossem realidade. Uma das maneiras de poder vivenciar isso é através da literatura, pois esta leva o leitor a conhecer e andar por lugares e caminhos que nunca antes foram percorridos e, conseqüentemente, dificilmente ou quase nunca admitidos pelo real. Um exemplo de literatura que apresenta o “impossível como possível” é a do escritor brasileiro Monteiro Lobato, que criou um lugar maravilhoso cheio de seres imaginários e com muitas emoções em seu livro *Reinações de Narizinho*, publicado no ano de 1931.

Dessa forma, esse livro apresenta uma linguagem simples, um estilo direto, que se aproxima muito da linguagem utilizada pelas crianças e, assim, acaba conquistando os pequenos leitores, tornando-se importante ser inserido esse tipo de história já na educação básica, pois Lobato pretendia despertar o desejo pela leitura nas crianças,

porque, em sua opinião, era esse o único meio capaz de transformá-las em grandes leitores no futuro. E para tanto, mais do que ensinar, ou obrigar as crianças a ler, era preciso levá-las a ter paixão pelos livros, o que só se tornaria possível aproximando a leitura do universo da criança. Ou seja, para Lobato a leitura tem que ser diversão, e isso só acontece quando é o leitor quem vai em busca do que deseja ler. (DEBUS, DOMINGUES, JULIANO, 2010, p. 74)

Assim, era necessário que houvesse um tipo de história que envolvesse as crianças de modo que não apenas as ensinasse algo, mas que a tornassem leitores competentes. Lobato demonstra sua preocupação com essa formação de leitores ao enfatizar que

A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação. Vive num mundinho irreal e dele só sai para, aos poucos, ir penetrando no das duras e cruas realidades, quando com o natural desenvolvimento do cérebro, a intensidade vai se apagando. (Lobato, 1964 *apud* DEBUS, DOMINGUES, JULIANO, 2010).

O livro *Reinações de Narizinho* é composto por várias histórias curtas, como episódios, e não uma história longa como em um romance. Dentre os enredos das histórias, há alguns que são completamente originais, ou seja, criação do próprio Lobato, e outros com junções de histórias e personagens infantis já conhecidas, como Gato Félix, Pinóquio, Pequeno Polegar, Branca de Neve, Cinderela, ou com histórias baseadas no folclore brasileiro.

Durante a história, pode-se perceber uma continuidade entre um capítulo e outro, deixando a



entender que se trata da mesma história. História, esta, composta pelo real e o imaginário.

Um dos grandes ‘achados’ de Lobato [...] foi mostrar o *maravilhoso* como possível de ser vivido por qualquer um. Misturando o *imaginário* com o *cotidiano real*, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só podiam existir no mundo da Fantasia. (COELHO, 1984, p. 96).

Dessa maneira, Lobato traz em sua obra *Reinações de Narizinho*, um lugar cheio de possibilidades que toda criança sonha em realizar.

METODOLOGIA

Visando analisar a obra *Reinações de Narizinho*, entre as de mesmo gênero do autor Monteiro Lobato, como *A Menina do Nariz Arrebitado*, *Narizinho Arrebitado*, sendo consideradas importantes para serem trabalhadas em sala de aula, este trabalho apresenta o conceito de narrativa fantástica e maravilhosa, baseado no crítico literário Todorov (1975), bem como estudos sobre o imaginário na literatura, com base em Jacqueline Held (1980), fazendo uma relação com a literatura infantil na formação de leitores e cidadãos pensantes contribuintes da sociedade.

DISCUSSÃO

O modo como a narrativa foi escrita torna-se interessante, visto que ela atrai a atenção das crianças, fazendo com que elas se aproximem dos livros, e conseqüentemente da literatura desde muito cedo e, assim, inicie o gosto pela leitura. Ao se aproximar e gostar da leitura, a criança passa a adquirir conhecimentos, sem perceber que o texto que está sendo lido influencia na sua personalidade, seus pensamentos, de forma que o pequeno leitor converta-se em um ser independente e crítico ao passo que se depare com diferentes situações cotidianas, podendo este enfrentar tais situações quando se lembra de histórias parecidas com as que foram contadas nos livros.

Não é de maneira alguma dar à criança receitas de saber e de ação. Por mais exatas que sejam. [...] é, antes de tudo indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. (HELD, 1980, p. 234)



Numa história é possível também observar como o uso de personagens é importante na construção da narrativa, pois, a partir deles, é dada a abertura do enredo para a magia, no caso da narrativa fantástica, aumentando o encanto que está sendo vivido e relatado durante toda a história, de maneira que prende o leitor na leitura da narrativa, em especial leitores mais jovens, do público infantil, já que a história do livro proporciona uma aproximação com o “impossível”, o sobrenatural. Insere seu leitor num mundo maravilhoso com bastantes aventuras e conhecimentos, característica marcante nos escritos de Monteiro Lobato.

Lobato, ao escrever sua obra *Reinações de Narizinho*, conseguiu criar um mundo imaginário de maneira que despertasse o gosto e o prazer pela leitura do público infantil. Tal público encontra na leitura diferentes descobertas e aprendizagem sendo uma aproximação satisfatória, de um jeito maravilhoso, fantasioso, imaginário.

Em que fase da vida a fantasia parece ocupar um maior espaço? Na infância! Justamente por ser na infância que a fantasia abre as portas da imaginação, podendo esta ser refletida na literatura infantil.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 1984, p. 10)

E é no campo da imaginação que encontramos a narrativa fantástica e a maravilhosa, sendo estas duas gêneros literários que trazem em suas histórias algo de mágico, algo do universo fantástico, que são apresentados aos leitores essa literatura em que “tudo é possível”.

Todorov, crítico literário, afirma que “Nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida.” (TODOROV, 1975, p. 40), assim, uma história fantástica é caracterizada por fatos imaginários que levam o leitor a questionar-se sobre os acontecimentos e os personagens, já que se apresenta uma contradição entre os dois mundos: o real e o irreal. Assim, a narrativa fantástica busca, na maioria das vezes, uma explicação sobrenatural para os acontecimentos descritos, de maneira que possibilite ao leitor uma indagação entre sonho e realidade ou verdade e ilusão.

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece leis naturais, em face de um acontecimento



aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 1975, p. 35)

Então, nesse tipo de narrativa, a forma como o leitor lê e vê a obra é fundamental, “O fantástico implica, pois numa interação do leitor no mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o leitor tem dos acontecimentos narrados, esse leitor se identifica com a personagem” (TODOROV, 1975, p. 151). Geralmente quando as crianças leem algum tipo de história, elas se identificam ou querem ser algum personagem em especial. Se forem histórias fantasiosas, mais ainda, porque ao se identificar ou querer ser um personagem, ele se vê fazendo tudo o que o personagem faz e/ou pode fazer.

A autora do livro *O Imaginário no Poder*, Jacqueline Held, ratifica que

A narração fantástica, reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e - resumindo tudo isso - transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência. (HELD, 1980, p. 25)

Sendo assim, a criança, ao deparar-se com uma narração fantástica, sente uma ligação entre seus desejos e sonhos podendo estes se tornar reais, ou pelo menos, imaginados de maneira mais “visual”, já que sua mente e criatividade serão despertadas. Held ainda afirma que

[...] a verdadeira narração fantástica e de imediato, e por essência suscetível de várias leituras, pode ser compreendida, sentida, vivida em vários planos, revela-se multívoca. A narrativa fantástica convida, em suma, mais que qualquer outra, a uma ‘leitura aberta’, ou mesmo as leituras mais sucessivas e múltiplas. (HELD, 1980, p. 30)

Vale ressaltar mais uma afirmação de Held (1980) que diz:

A vida da criança é toda ela dominada pela brincadeira. Assim, a passagem de uma crença inicial à exploração lúdica dessa crença ocorre muito cedo, e de maneira imperceptível. [...] Jean Piaget nos adverte: ‘[...] Nos escritos infantis que colhemos [...] era difícil separar a parte das crenças e da representação imaginária ou do prazer de inventar. (HELD, 1980, p. 44)

A criança vê a vida como uma brincadeira, tudo é brincadeira, então essa característica também é apontada na literatura. Seja numa história contada, lida, mas mais precisamente, criada e escrita por ela, já que ela tem a liberdade de imaginar o que quiser e escrever sobre o que quiser. A criança cria uma relação com a sua história e/ou com uma história já escrita.

Quando a criança vive momentos imaginários, independente se em brincadeiras ou quando lê uma história, ela está formando sua própria identidade, já que a autora assevera que



[...] dar a criança o gosto pela conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, aceleram essa maturação com manipulação flexível e lúcida da relação real – imaginário. É fornecer materiais para construção de sua brincadeira e a invenção de regras internas dessa brincadeira, mas também materiais para suas construções de história. (HELD, 1980, p. 53)

Ao lado do fantástico, há a narrativa maravilhosa que centraliza-se entre o imaginário e o real, porém não se interessa em questionamentos que tendem a responder sobre o mundo em que os personagens estão inseridos, “[...] maravilhoso, ao contrário, se caracteriza pela existência exclusiva dos fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nos personagens.” (TODOROV, 1975, p. 60) Correntemente, o gênero maravilhoso está relacionado ao conto de fadas, e quem lê não se sente surpreendido e o maravilhoso também não tem a necessidade e/ou o cuidado em explicar como alguns fatos tornaram-se possíveis. É possível encontrar numa história maravilhosa animais falando, personagens que dormem durante anos, seres criados pela imaginação do autor, duendes, gnomos, viagens feitas a diferentes mundos em pouco tempo, etc. sem causar estranhamento.

Dessa forma, o maravilhoso é uma narrativa que não busca justificativas em suas histórias, elas simplesmente acontecem e são aceitas.

Maravilhoso implica que estejamos mergulhados num mundo de leis totalmente diferentes das que existem no nosso; por este fato, os acontecimentos não são absolutamente inquietantes. Ao contrário, [...] trata-se realmente de uns acontecimentos chocantes, impossíveis, mas que se acaba por tornar-se paradoxalmente possível. (TODOROV, 1975, p. 180)

E mais,

No sentido tradicional, conto maravilhoso [...] é a narrativa que decorre em um espaço fora da realidade comum em que vivemos, e onde os fenômenos não obedecem às leis naturais que nos regem. No início dos tempos, o maravilhoso foi a fonte de misteriosa e privilegiada de onde nasceu a Literatura. Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com forças do Bem e do Mal, personificadas.; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. (COELHO, 1984, p. 122)

Pode-se resumir a narrativa fantástica como acontecimentos sobrenaturais que incitam indagações sobre si tendo sempre uma explicação sobrenatural, e a narrativa maravilhosa, por sua vez, é aquela que aceita todos os acontecimentos, porém sem despertar dúvidas nos personagens e leitores.

Ao observar a obra de Lobato, é possível perceber diversos aspectos no livro que se referem



a narrativa do gênero literário fantástico e maravilhoso. Em *Reinações de Narizinho*, como em muitas outras obras suas, Monteiro Lobato apresenta uma literatura relacionada diretamente com a combinação entre realidade e magia, num aspecto favorável à literatura infantil mostrando o maravilhoso como possível de ser vivido por qualquer um, ou melhor, por qualquer leitor que se debruce diante dessa obra.

A linguagem próxima às crianças já é vista no início do livro:

Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. (LOBATO, 2010, p. 2)

A criança ao ler esse tipo de texto, já se interessa por ele porque se identifica com ele. É dessa forma que as crianças pensam e falam, e Lobato soube muito bem articular essa maneira de escrever. Todo o primeiro capítulo foi feita uma apresentação para que o leitor soubesse um pouco sobre a vida de Lúcia, também chamada de Narizinho, personagem principal, de modo que para saber mais, precisa ler mais da história.

Já no segundo capítulo, o leitor se depara com uma situação jamais esperada até então:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. [...] E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão — a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê. A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala. Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessada estava achando aquilo. Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente. (LOBATO, 2010, p. 3)

Dar-se início a fantasia na obra. Ela concretiza-se ocupando o mesmo espaço que a realidade, repartindo saberes com os personagens humanos da história. Nesse tipo de narrativa proposto pela Literatura fantástica e maravilhosa, a fantasia não interrompe a narração, ela promove uma interação entre os dois mundos que estão bastante interligados na realidade dos personagens que se tornam essenciais para o desenrolar do enredo, a exemplo de personagens de outras histórias que são retomados em outros contextos participando de aventuras novas com personagens humanas.

De volta do reino das Águas Claras, Narizinho começou todas as noites a sonhar com o príncipe Escamado, dona Aranha, o doutor Caramujo e mais figurões que conhecera por lá. [...] E quando não pensava nisso pensava no Pequeno Polegar e nos meios de o fazer fugir



de novo da história onde o coitadinho vivia preso. (LOBATO, 2010, p. 20)

Aprendi a fazer todas as coisas. Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados. — E para Branca de Neve também costurou? — Como não? Pois foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca que fiquei aleijada. (LOBATO, 2010, p. 11)

É possível ver nessas duas citações a presença de personagens de histórias já existentes que não são de autoria de Lobato, mas que fazem parte da história de um modo natural, sem causar estranhamento, inclusive, na personagem Lúcia. O real e o imaginário estão tão entrelaçados que não há distinção nítida entre o que é ou não realidade. A todo o momento a vida de Lúcia, neta de dona Benta, moradora do sítio, está unida com o Reino das Águas Claras, local onde a menina vive várias aventuras. E é em uma das aventuras pelo mundo maravilhoso que a personagem Narizinho dá vida a uma personagem Emília que tomou uma “pílula falante” do doutor Caramujo passará a fazer parte do real mesmo sendo uma boneca de pano e esta participará de todos os momentos da história, mantendo uma conexão natural com os outros personagens do enredo, sendo estes humanos ou não.

Assim, a obra é repleta de histórias que mostram possibilidades diversas como animais falarem, usarem roupa, costurarem, boneca de pano falar, etc., assim pode-se observar que “muitas obras da literatura fantástica destinadas às crianças realizam também ‘poderes particulares’, ou exprimem o desejo de fazê-lo: vencer a gravidade, ser invisível, mudar seu tamanho ou a dimensão do mundo que os cerca, etc.” (HELD, 1980, p. 129). E o poder também faz parte da imaginação das crianças, de modo que ao criarem suas histórias e mundos, ela permite o que ela bem quiser sem precisar ter uma razão para tal. “Poderes múltiplos, poderes do sonho. Esses poderes, a criança os possui através do primeiro de todos, o poder do próprio imaginário. Inventar uma história. Ultrapassar o agora, o dado, o imediato.” (HELD, 1980, p. 140).

A narrativa fantástica e maravilhosa permite com que a criança tenha esse poder da imaginação e criatividade quando está lendo.

Os personagens que mais representam o poder imaginário das crianças são Narizinho e Pedrinho, pois eles podem ser considerados os responsáveis por trazerem todos os outros personagens fantásticos para a história. Eles tornam-se o principal elo entre fantasia e realidade, já que vivenciam o maravilhoso durante o enredo permitindo, assim, uma construção eficiente da



narrativa fantástica descrita por Todorov e Held.

CONCLUSÕES

A literatura infantil permite que seus leitores vivenciem suas mais diferentes e diversas aventuras sendo elas possíveis ou não de acontecer. Até porque não importa poder acontecer na vida real: importa poder experimentar a vontade de fazer o que deseja ser vivido, mesmo que em fantasia. Seja criança, seja animal que fala ou até boneca que toma pílula falante e ganha vida, todo personagem é repleto de criatividade para a criança leitora. Deixam de ser apenas animais ou brinquedos/objetos e se personificam de modo que estimule a fantasia infantil.

Lobato retoma a dimensão crítica da infância. Seus personagens, no caso as crianças, refletem sobre questões reais e imaginárias e ilustram, neste sentido, a própria condição do maravilhoso na infância, onde todos estão imersos no mundo fantástico e, ao mesmo tempo, no mundo real, com problemas e alegrias. Constata-se uma interação de dois mundos, um imaginário e outro real, mas que estão de tal forma misturados/ interligados na realidade dos personagens que não há espaço para questionamentos. O que há são espaços para aprendizagem e crescimento social, pelo qual ir além é sempre possível.

Mesmo sendo uma obra considerada antiga, foi possível perceber a importância em se trabalhar com esse livro, o que se tem a oferecer aos leitores em formação e porque o professor deve levar esse tipo de narrativa para sala de aula: estimula a criança a tentar solucionar situações conflituosas, desenvolve na criança o seu lado crítico, transformador, despertando a curiosidade, a reflexão e o entendimento de tais assuntos apresentados na narrativa, tornando-se capaz de modificar a sua própria história, sem prejudicar ou desmerecer a do outro.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise.* / Nelly Novaes. – 3. ed. refundida e ampl. – São Paulo: Quíron, 1984

DEBUS, Eliane. DOMINGUES, Chirley. JULIANO, Dilma. *Literatura infantil e juvenil: leituras, análises e reflexões.* Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica* / Jacqueline Held: [tradução de Carlos Rizzi; direção da coleção de Fanny Abramovich] – São Paulo: Summus, 1980.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho.* Digitalização e Revisão: Arlindo San. Disponível em: www.valdiraguilera.net/bu/sitio-picapau.pdf. Acessado em 29/10/2015, às 20h28.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica.* Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.